



RESENHA

SHIGUNOV NETO, Alexandre; FORTUNATO, Ivan (org.).
Educação Superior e Formação de Professores: questões atuais.
São Paulo: Edições Hipótese, 2017. 180p.

Éder Vacilotto¹

Envio 27/07/2018

Revisão 09/03/2018

Aceite 09/04/2018

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, pedagogo especialista em Gestão Escolar. E-mail: edervacilotto@gmail.com



O prefácio desta obra já situa o leitor em sua demanda: o ensino superior proporciona espaços de reflexão e aprendizado, de tempos em tempos, faz-se necessário uma pausa, olhar o entorno e constatar o que está sendo produzido. O e-book “Educação superior e formação de professores: questões atuais, organizado por Alexandre Shigunov e Ivan Fortunato, publicado pela Edições Hipótese em 2017, propõe este momento de aprendizado colaborativo pois quem escreve reflete sobre a educação que vivencia, quem lê, experiencia novos olhares.

No primeiro capítulo, com a proposta de que o docente deve estar do lado positivo das reformas, o autor Pedro Demo descreve um comparativo entre a formação docente pelo mundo. Os países que dominam a lista de melhores em educação, estabeleceram medidas diferentes para atingir seus resultados. De um lado temos Finlândia, Singapura e Canadá que tiveram o foco na formação docente e na valorização do profissional, enquanto por exemplo na Austrália, estas ações se desgastaram. Na Holanda e em Hong Kong, foi estabelecido um sistema de competências para o docente, criando-as para formar e qualificar a profissão. No topo da lista, ainda temos a Finlândia, que consegue atingir 96% no PISA devido a criar uma educação equitativa, onde seus profissionais possuem mestrado formal, que engloba pesquisa e prática. A reforma da educação deve iniciar por uma reforma docente. Os professores deverão estar do lado destas mudanças, senão ainda teremos nosso país na idade da pedra. As mudanças devem partir da formação universitária, em busca de uma educação não instrucional, baseada na reprodução de aulas. As licenciaturas e pedagogias necessitam de novos olhares.

O autor José Tavares no segundo capítulo disserta sobre estes novos olhares. Aborda o cenário de pesquisa para a Universidade nos próximos 20 anos, um estudo sobre as diversas ramificações e linhas de pensamento, sob a análise de dados e gráficos que identificam as áreas mais contempladas. Eles apontam que cada vez mais é difícil encontrar algo novo no campo científico, há uma carência de novidade, na impressão de que tudo já fora dito. A aceleração da informação nos dias de hoje, não pode deixar com que a qualidade dos objetos de estudo diminua, pois, o novo hoje, pode cair no passado minutos depois. É preciso resgatar o rigor, a verdade, e assim buscarmos uma honestidade intelectual.

A tentativa de adequar a área da pesquisa e as universidades, acontece o tratado de Bolonha, que é o nome dado a reforma educacional no território europeu, onde se criou um

espaço unificado de ensino, com equiparação e compatibilidade de cursos entre os países. É sobre esta temática, que o autor António F. Cachapuz, atualiza ao ano de 2017 com a seguinte questão: como está o ensino superior em Portugal após o tratado? A delimitação do tema se dá no campo do Mestrado. O autor critica a obtenção do título, que após o tratado, passou a ser subdividido de acordo com a intenção profissional do discente. O que acarreta é uma perda da qualidade, pois o nível que antes era somente para quem pensava em lecionar no ensino superior ou seguir a carreira de pesquisador, hoje abarca uma quantidade maior de pessoas. Outro ponto abordado é sobre os custos, pois antes, o mestrado era papel econômico do estado, hoje, os estudantes e/ ou suas famílias devem arcar financeiramente, o que diminui o acesso a universidade.

O tratado definiu uma nova perspectiva na formação dos profissionais no território europeu. Essa perspectiva pode ser sentida em seu objetivo final, que é a escola, o currículo e o professor. Este é o tema do próximo capítulo, do autor Luís Pardal, que situa sua pesquisa no território português. O professor deve ser formado para a diversidade, para a formação do currículo. Nesta perspectiva entra o debate sobre as identidades formativas, que qualifica o trabalho docente. O estudo permitiu um balanço sobre as principais identidades culturais, dialogando sobre o que pode ou não estar inserido no currículo. O autor esclarece que após a pesquisa de campo, a supervalorização de uma cultura ou outra pode não proporcionar uma real interação dos indivíduos, prejudicando o trabalho.

Tratar sobre as culturas do ensino, revela as características e tensões da docência no Ensino Superior. Este é o tema do quinto capítulo, escrito em conjunto por Alda Roberta Torres e Maria Isabel de Almeida, que em suas reflexões, dissertam também apontamentos de Agnes Heller sobre a vida cotidiana, sua composição e características. A primeira situação é a predominância das aulas magistrais e conteudistas, ou seja, no ensino superior ainda impera aulas de abordagem tradicional, pautadas em conteúdos extensos, este modelo não é mais suportado, exigindo das instituições e seus profissionais, reflexões sobre visões de mundo, ciências, educação e aprendizagem. No subtítulo “hierarquização dos conhecimentos das áreas específicas em relação aos conhecimentos pedagógicos”, estabelece a articulação entre os saberes da experiência, saberes do conhecimento e os saberes pedagógicos, ações necessárias



para a prática docente. Ao tratar de docência na Educação Superior como ocupação profissional acessória, as autoras relatam sobre o profissional que leciona em determinadas áreas como segunda ocupação, ressaltando que estes são melhores vistos pelos alunos, pois possuem a prática como forma de ensinar. O prestígio da pesquisa em detrimento do ensino da graduação, ressalta que até as políticas públicas a privilegiam, visto que a CAPES somente obriga os bolsistas a fazerem estágio docente, os demais mestres e doutores, com seus títulos, estão aptos a dar aula mesmo sem nunca ter vivenciado uma. Estas reflexões influenciam a dinâmica das aulas e afeta o cotidiano. A formação dos docentes é algo que define uma instituição e como ela pensa acerca do trabalho de ensino aprendizagem.

O estágio na formação e no trabalho docente é a temática do capítulo seis, visto que este caminho implica diretamente na formação do professor. O grupo de autores formado por Ana Maria Lorio Dias, Bernadete de Souza Porto e Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro, trata que os discentes que passam por esta ação, preocupam-se mais com o desenvolvimento profissional. Apresenta um desafio constante que é aliar a ação, a teoria e a prática, este tríplice conceito que permeia toda a formação na universidade. O enfrentamento com a realidade faz com que o futuro profissional se depare com sentimentos de resistência, contestação e superação, extraindo conhecimento destas prerrogativas.

Em contraponto ao ensino superior do Brasil, o capítulo sete trata sobre os modelos inseridos na formação inicial de professores em Portugal. O texto debate sobre o ensino acadêmico e o profissionalizante. Elza Machado e Joaquim Mesquita recordam que o futuro professor quando chega ao ensino superior, já traz consigo modelos construídos a partir de seus estudos na escola básica. Estes modelos refletem na maneira como ele procede nos estudos. Também identificam que o processo de Bolonha trouxe um novo paradigma na formação inicial de professores, que este deve ser centrado no aluno e nas competências que ele tem de adquirir.

Formação e atuação dos professores universitários de música, é o tema do capítulo oito, dos autores Fernando Stanzione Galizia e Emília Freitas de Lima. O estudo parte de pressupostos que os docentes da área de música utilizam-se de suas experiências para suprir os saberes pedagógicos de sua prática. Os docentes que se formam, perpetuam-se a ensinar nos mesmos modelos no qual se formou, reproduzindo práticas enraizadas. É preciso buscar uma



didática na perspectiva da interculturalidade, ou seja, um ensino real e significativo, onde os discentes consigam se reinventar e aplicar em sua existência. O ensino da música aplicado nos conservatórios deve ser transformado e não conservado. Novas propostas devem ultrapassar estas fronteiras físicas e simbólicas, e o ensino superior de música deve adquirir uma nova concepção, diz os autores.

O espaço formativo do campo se diferencia da área urbana. O profissional para atuar nesta concepção deve estar preparado e principalmente conhecer as especificidades do local. Esta é a perspectiva dos autores Wender Faleiro, Lídice Mesa Gómez e Magno Nunes Faria. O texto realiza um paralelo entre a educação do campo no Brasil e em Cuba. Enquanto Cuba possui um trabalho docente voltado a este público, o Brasil ainda caminha a passos lentos. O ensino em Cuba é igualitário, ou seja, o docente é preparado para atuar nas especificidades das escolas urbanas e do campo. No Brasil, o ensino ainda provém de um modelo hegemônico europeu, que não atende particularidades culturais, identitárias, territoriais, raciais, como em Cuba. Os autores deixam explícito que o Brasil está a um caminho lento de diminuir as divergências ideológicas urbanocentradas.

O capítulo que encerra este livro, escrito pelo organizador Ivan Fortunato, trata sobre as inquietações, abstrações e reflexões de ser professor no ensino superior. O autor traz estes escritos a partir de sua experiência. Logo no começo já descreve como o produziu: entre uma aula e outra, entre um projeto e outro, entre uma avaliação e outra. A rotina da universidade traz fatores que nos leva a pensar na formação de futuros professores: devemos ensiná-los a buscar um caminho? Ou fazer com que sejam meros repetidores de conteúdo, exercícios e dinâmicas tediosas que a sala de aula pode transmitir. Ivan indica que autores como Freinet e Neill mostraram perspectivas do como ensinar, e é nestas prerrogativas que seu trabalho se calça. O professor pode aprender a ensinar de forma diferente, se não tem ideia de como começar, pode construir junto com seu alunado um processo de descoberta de aprendizado e conteúdos. O assunto não se esgota, pois como já é citado no título, estas inquietações e abstrações devem permear sempre o trabalho pedagógico, visto que a sala de aula é um ambiente imprevisível, onde humanos que pensam, devem construir conhecimento reciprocamente.



O livro, de forma geral, consegue explicar sobre as diversas situações no qual se encontra a formação de professores. Os contrapontos utilizados entre Brasil, Portugal e Cuba, faz com que tenhamos um diálogo sobre as práticas, identificando que muitas problemáticas se repetem independentemente de sua localização. Que estes olhares para a formação nunca se esgotem, pois são eles que fazem com que a educação progrida a novos pensamentos e ações.